CONJUNTURA INTERNACIONAL
PUC Minas

NO CAMPO DO MUNDO: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO ETNOGRÁFICO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS[1]

In the field of the world: reflections on ethnographic work in International Relations

En el campo del mundo: reflexiones sobre el trabajo etnográfico en Relaciones Internacionales

Júlia Thassya Theodoro Soares
Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
juliathst@ufmg.br

Luiz Felipe Dias Pereira
Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP - USP); Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
luizfdpereira@gmail.com

RESUMO

Ao longo de sua consolidação enquanto área do conhecimento, o campo das Relações Internacionais (RI) foi marcado por diversos debates teórico-metodológicos; todavia, quando comparado a outras áreas das Ciências Sociais, o uso da etnografia como metodologia e método recebeu relativamente pouca atenção. Neste artigo, buscou-se situar o uso da

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dossiê recebido em: 10 abr. 2025 | Aceito em: 25 set. 2025.

etnografia no campo das RI no contexto dos “grandes debates” teóricos, abordando a relevância e as possíveis contribuições do método para discussões teóricas e metodológicas do campo. Considera-se que a etnografia proporciona uma visão de campo das práticas que formam a política internacional, e através da sua aplicação podemos compreender melhor como as trocas sociais formam o nosso campo de estudos.

Palavras-chave: Etnografia, Relações Internacionais, Metodologia, Antropologia, Método.

ABSTRACT

Throughout its consolidation as a field of knowledge, International Relations (IR) has been marked by numerous theoretical and methodological debates; however, compared to other areas of the Social Sciences, ethnography as both methodology and method has received relatively little attention. This article seeks to situate the use of ethnography within the field of IR in the context of the discipline’s 'great debates,' addressing its relevance and potential contributions to theoretical and methodological discussions. It is argued that ethnography provides a situated perspective on the practices that constitute international politics, and that through its application we may gain a better understanding of how social exchanges shape our field of study.

Keywords: Ethnography, International Relations, Methodology, Anthropology, Method.

RESUMEN

A lo largo de su consolidación como campo de conocimiento, las Relaciones Internacionales (RI) han estado marcadas por numerosos debates teórico-metodológicos; sin embargo, en comparación con otras áreas de las Ciencias Sociales, la etnografía como metodología y método ha recibido relativamente poca atención. Este artículo busca situar el uso de la etnografía en el campo de las RI en el contexto de los 'grandes debates' teóricos, abordando su relevancia y las posibles contribuciones del método a las discusiones teóricas y metodológicas de la disciplina. Se sostiene que la etnografía proporciona una perspectiva situada de las prácticas que constituyen la política internacional, y que, a través de su aplicación, es posible comprender mejor cómo los intercambios sociales configuran nuestro campo de estudio.

Palabras clave: Etnografía, Relaciones Internacionales, Metodología, Antropología, Método.

1 INTRODUÇÃO

O campo das Relações Internacionais (RI) é intensamente marcado por grandes debates teóricos e metodológicos, que pontuam a própria trajetória de consolidação da área (Wæver, 2011; Montison, 2018). Porém, o uso da etnografia ainda desponta como um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade relativamente pouco explorada (Montison, 2018).. As teorias macroestruturais que têm o Estado como principal ator são as abordagens mais difundidas na área, fazendo com que propostas de métodos quantitativos e o uso de dados secundários sejam, muitas vezes, preferidos. Em contraste, críticas da própria área apontam como estas tendências podem ser limitadoras em relação a uma compreensão das práticas cotidianas, das interações sociais e dos significados que atravessam esses fenômenos políticos (Montison, 2018).

Este artigo propõe discutir o emprego do método etnográfico nas RI, evidenciando tanto seus potenciais como as dificuldades inerentes à pesquisa de campo. Neste sentido, o objetivo proposto é pensar como o método etnográfico pode incidir no campo das Relações Internacionais, considerando as particularidades das agendas de pesquisa na área.

Assim, as reflexões deste trabalho propõem que uma abordagem partida da vivência empírica e da observação participante pode ampliar o escopo das análises de fenômenos internacionais, e revelar processos sociais que as abordagens estruturais muitas vezes não têm o poder de acessar. Ao longo do texto, propõem-se possibilidades de aplicação da etnografia em pesquisas de RI, evidenciando como esse método pode auxiliar na superação de limitações analíticas e, assim, contribuir para uma compreensão mais plural das dinâmicas sociopolíticas globais. Desse modo, busca-se fomentar o diálogo entre campos das ciências sociais e sugerir caminhos para o fortalecimento de uma agenda de pesquisa etnográfica em Relações Internacionais.

2 ETNOGRAFIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: UM BREVE HISTÓRICO DO MÉTODO

Sair de uma pesquisa documental em Relações Internacionais para outras áreas da Ciências Sociais e para a experiência do trabalho de campo coloca os pesquisadores em diversos dilemas. O entrar no campo pode ser um tanto anti-natural para aqueles cujo fazer reflexivo e de pesquisa é, na maioria das vezes, um exercício solitário entre cadeira e computador. Torna-se então mais que pesquisador, mas também objeto da sua observação: “Como devo agir?”, “Com quem devo conversar?”, “Será que minha presença irá constranger interlocutores?” são perguntas que correm a mente na primeira ida ao campo. Estes questionamentos seguem durante o processo analítico de construção de cadernos de campo e na participação constante da vida social dos grupos estudados (Dewalt; Dewalt, 2011).

A etnografia é um método muito amplamente utilizado nas Ciências Sociais “vizinhas” às Relações Internacionais (RI), mas, como colocado por Montison (2018) e Vrasti (2008), na

área em questão, sua emergência é recente. Por outro lado, o método é central na formação do campo de estudos da Antropologia, e, desde o século XX, foi determinante na Sociologia.

O que chamamos de etnografia consiste do método de trabalho de campo amplamente utilizado nas pesquisas antropológicas que consiste na imersão cultural do pesquisador em campo durante um período prolongado, de forma a permitir uma interpretação das formas de vida, padrões culturais, sistemas de crenças e valores compartilhados. É possível colocar que esta é uma definição geral, mas o termo "etnografia" possui significados múltiplos, englobando diferentes práticas e abordagens (Hammersley; Atkinson, 2007).

Apesar disso, Oliveira (1996) argumenta que há pelo menos três pontos importantes que reúnem o fazer etnográfico, sendo esses o **olhar**, **ouvir** e **escrever**. Isto é, independente do modelo interpretativo utilizado, o pesquisador passará, de alguma forma, por estes três passos.

O **olhar** e **ouvir** se dão através da imersão do pesquisador no seu campo. Estas atividades fazem parte do "estar lá", ou seja, o ato de fazer campo. É válido colocar que com a expansão do uso do método para ambientes digitais, o **estar lá** se expande também ao ato de frequentar sites, fóruns e outros tipos de ambientes digitais onde as práticas culturais estudadas são difundidas (Hammersley; Atkinson, 2007).

Esta imersão no campo de estudos, para que a observação se caracterize como uma etnografia, precisa possuir um elemento além da descrição jornalística de uma situação. O olhar do pesquisador que está executando a etnografia deve estar ancorado em perspectivas teóricas que permitam o estranhamento das práticas culturais com as quais ele terá contato (Oliveira, 1996).

Ao frequentar os espaços sociais mapeados, o pesquisador também entra em contato com as pessoas que frequentam estes espaços, os nativos de determinada cultura. Geertz (2008) coloca que fazer etnografia é uma prática que por si só prevê a interação com seus interlocutores, ouvi-los e entrar em contato com os significados subjetivos que fazem parte do seu background cultural. O **ouvir**, neste sentido, inclui entrar em contato com o relato próprio do interlocutor, buscar o "modelo nativo" (Oliveira, 1996, p. 24).

O terceiro passo que uniria as diferentes perspectivas etnográficas possíveis é o **escrever**, o ato de transformar as observações em textos analíticos, articulando-as teoricamente. O trabalho da redação não deve, de forma alguma, um trabalho puramente descritivo, boas etnografias "i) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica." (Peirano, 2014, p. 386).

No que tange à Antropologia, o método etnográfico é também considerado como a pedra fundadora da disciplina. O contato com a empiria a partir do olhar etnográfico é um dos pontos consolidadores desta como uma ciência. Evans-Pritchard (2021) coloca que a observação empírica e a comparação teriam sido o foco das construções teóricas que seriam inspiração para os antropólogos sociais do século XX. Desta forma, o fazer de campo, etnográfico, torna a Antropologia ciência única, com foco no "fato etnográfico", registrado e relatado pelo olhar teórico do cientista, ao invés da preocupação em compreensão dos "fatos sociais" ou a criação de grandes teorias tautológicas (Peirano, 2014).

O 'fazer' etnográfico é essencial para a formação teórica antropológica, os dados coletados pela observação e participação das cenas etnografadas transformam e aperfeiçoam os quadros teóricos. Porém, destaca-se que a entrada de campo não deve ser ingênua e exploradora, mas ter por base outras observações capazes de produzir um quadro explicativo sobre os fenômenos sociais e culturais (Oliveira, 1996; Peiriano, 2014; Brandão, 2007).

No que tange à Sociologia como área do conhecimento, a utilização do método etnográfico se dá principalmente via a Escola de Chicago e através das teorias interacionistas. Esta aproximação acontece em um momento em que se começa a questionar as ambições por grandes teorias sociais. Nestas escolas de pensamento, há um interesse importante nas interações diárias, nas formas com que símbolos e significados são difundidos nas micro-relações (Deegan, 2001; Rock, 2001; Pollner; Emerson, 2001).

Porém, vale destacar que a difusão do uso da etnografia nas Sociologia não se deu sem tensões. Por exemplo, Peiriano (2014) aborda a resistência de Florestan Fernandes em relação ao método, visto que este considerava que a forte empiria das publicações etnográficas afastava a antropologia do *status* de ciência.

A Ciência Política, por outro lado, foi uma disciplina cuja utilização do método etnográfico pode ser considerado como especialmente complexo, visto que muitas vezes as agendas de pesquisa têm como foco movimentos macropolíticos e institucionais (Soares, 1995). Porém, é importante destacar que o método etnográfico pode ser empregado no estudo da formação do ator político como tal, assim como os processos de trocas e rituais presentes na tomada de decisão e rotinas organizacionais de instituições políticas (Brodkin, 2017).

Destaca-se neste cenário o uso da etnografia institucional como ferramenta para compreender a difusão de políticas nos quadros burocráticos. Este modelo de pesquisa etnográfica se baseia na concepção de instituições e organizações políticas não são racionalmente orientadas, mas possuem fluxos culturais próprios que são responsáveis pelas rotinas e tomadas de decisão (Tellaraas, 2020).

3 ETNOGRAFIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

Embora tenha havido um aumento no interesse na aplicação da etnografia a estudos de RI na última década (Rio, 2024), o uso dessa metodologia no campo das RI é relativamente recente (Montison, 2018). A tendência da área em tomar como unidade de pesquisa o Estado nacional e o foco na tomada de decisão nos altos quadros de instituições internacionais, faz com que a vivência empírica dos temas de pesquisa seja de difícil acesso. Além disso, pensar etnograficamente em territórios geograficamente dispersos apresenta desafios muito complexos (Tsuda; Tapias; Escandell, 2014). Vale colocar, que, por outro lado, as experiências metodológicas em etnografias transnacionais são passos importantes para o desenvolvimento tanto do método em si, quanto das Ciências Sociais.

Pode-se dizer, assim, que as RI são uma disciplina que possui uma tradição metodológica "estatocêntrica" (Rio, 2024, p. 281), o que explica, em alguma medida, a história limitada da etnografia em estudos no campo (Rio, 2024). Ao longo da história da disciplina, múltiplos debates teóricos contribuíram para a definição de um objeto de estudo próprio das RI (Montison, 2018).

O primeiro debate teoria ocorrido no contexto da Segunda Guerra Mundial, sendo protagonizado por "realistas", que partiam das premissas da existência de supostas naturezas do ser humano e do próprio mundo, e "idealistas", que acreditavam no potencial das instituições no que diz respeito à mitigação de conflitos interestatais (Lake, 2013). O segundo grande debate, ocorrido na década de 1960, foi marcado pela discordância entre behavioristas e tradicionalistas: estes eram céticos no que se refere à capacidade de se produzir uma teoria que pudesse explicar o comportamento humano, ressaltando a complexidade da política mundial e a necessidade de se compreender as idiossincrasias de cada conjuntura histórica. Por outro lado, behavioristas propunham generalizações baseadas na identificação de classes de eventos (Lake, 2013).

Alguns autores apontam a existência de um terceiro debate, localizado na década de 1970 e composto pelo liberalismo, o realismo e o radicalismo; na década seguinte, o neoliberalismo, o neorrealismo e o construtivismo seriam as abordagens teóricas envolvidas no quarto grande debate (Waever *apud* Lake, 2013, p.570). Segundo Lake (2013, p.570), o "debate final" teria sido caracterizado pelas divergências entre "positivistas" e "reflexivistas". De forma geral, o termo "positivista" incluía diversas abordagens que compartilhavam da premissa de que indivíduos agem de forma intencional e calculista, além de atribuir relevância ao método no contexto das ciências sociais. Da mesma forma, os "reflexivistas" não compunham uma única escola de pensamento, abrangendo, assim, teorias construtivistas, pós-modernas, críticas e feministas (Lake, 2013).

Isto posto, é importante ressaltar a relevância de se discutir métodos e metodologias em discussões referentes aos "grandes debates". Samra (2021) argumenta que abordar a história dos métodos e metodologias de pesquisa pode ser uma forma alternativa de se contar a história dos debates do campo, apontando diferenças e similaridades entre os paradigmas da disciplina, e abordando a pluralidade metodológica no campo das RI.

No contexto dos cinco "grandes debates" das RI, a etnografia se encontra associada aos estudos pós-positivistas, reflexivistas e subjetivistas. Destarte, a etnografia é um método não convencional no campo das RI, e sua popularidade é relativamente recente (Montison, 2018). Alguns autores identificam a existência de uma suposta "virada etnográfica" no campo das Relações Internacionais (RI) (Vrasti, 2008; Lie, 2013; Rio, 2024). Na visão desses pesquisadores, esse movimento teria se consolidado em meados da década de 1990 (Montison, 2018) por meio da aplicação de métodos antropológicos ao estudo da política global, com ênfase em práticas cotidianas e na observação dos contextos locais. Além de propor uma abordagem metodológica mais voltada à experiência direta, essa "virada etnográfica" também promoveu uma crítica ao caráter excessivamente estatocêntrico das RI (Lie, 2013), evidenciando a importância de analisar processos sociais e culturais que vão além do foco em Estados e instituições formais.

Em seu artigo "*The Strange Case of Ethnography and International Relations*", Vrasti (2008) argumenta sobre a forma como está suposta virada etnográfica ocorreu nas RI. Segundo a autora, a etnografia foi importada para o campo de forma problemática, uma vez que esse processo ocorreu por meio da adoção de "um entendimento seletivo, instrumental e, de certa forma, tímido do que é a etnografia e o que ela faz" (Vrasti, 2008, p.280, tradução nossa)[2]. Portanto, essa limitação seria resultado de um "atraso" no diálogo das RI com a metodologia, uma vez que a virada etnográfica ignorou literaturas mais recentes do campo da Antropologia a respeito desse tema (Vrasti, 2008).

Diferentemente das RI, cuja abordagem geralmente é no sentido *top-down*, a etnografia propõe uma perspectiva analítica *bottom-up*, nesse sentido, o método etnográfico poderia trazer novas perspectivas para estudos envolvendo a política mundial, considerando a vida cotidiana como uma fonte de evidências útil para se compreender o internacional (Montison, 2018). Além disso, no que concerne às possibilidades referentes à aplicação da etnografia a análises de RI, Montison (2018) argumenta que:

> O apelo da etnografia é que ela complementa análises discursivas, vai além das perspectivas tradicionais de atores convencionais, como Estados e organizações internacionais, e lança nova luz sobre conhecimentos, vínculos e compreensões pouco explorados da política mundial (Montison, 2018, p.2, tradução livre)[3].

[2] A selective, instrumental and somewhat timid understanding of what ethnography is and does.
[3] The appeal of ethnography is that it complements discursive analyses, moves beyond the mainstream perspectives of

Neste sentido, pode-se argumentar que a etnografia tem o potencial de propor análises que superem o caráter estatocêntrico das RI mencionado por Rio (2024). As próximas seções terão por foco a exploração de propostas etnográficas que podem ser aliadas às pesquisas em Ciências Políticas e Relações Internacionais.

3.1 Etnografias do Estado

No que tange às pesquisas das práticas e efeitos do Estado em determinada sociedade, o método etnográfico se apresenta como um importante aliado das pesquisas cujo objetivo é compreender a instituição para além da entidade autônoma que métodos estruturalistas e funcionalistas tendem a descrever. Compreende-se a instituição Estado como um conjunto de práticas tomadas em diferentes arenas no dia-a-dia (Sharma; Gupta, 2006).

Pensar o Estado através da perspectiva etnográfica, portanto, é pensar em como este se torna o que é através da constituição de um conjunto de práticas de se constituir como tal (Sharma; Gupta, 2006). Em trabalhos como os de Ferguson (1994) e Gupta (2012) exploram as práticas burocráticas institucionais que dão corpo a ideias como **desenvolvimento** e **pobreza**, demonstrando que a construção destes como conceitos relevantes na arena política se faz nas práticas das instituições que constituem o Estado no âmbito do local. Para além disso, estas dinâmicas também constituem quais assuntos são aptos a se tornar questões de política ou não, dando forma à linha tênue entre política e administração pública.

Pontos importantes para as teorias das Relações Internacionais, tal qual a noção de identidade nacional, também podem ser exploradas pelas práticas compartilhadas em rotinas institucionais e nas trocas presentes em relações sociais dos sujeitos que compõem as instituições do Estado e seu corpo social. Desta forma, a constituição de ideologias nacionais e nacionalismos podem ser entendidas nas interações da vida comum e na constituição do sujeito.

3.2 Etnografia Transnacional

O interesse em pesquisas etnográficas focadas em diferentes vivências da globalização na contemporaneidade cresceu consideravelmente a partir dos anos 1990, momento em que este era um objeto de pesquisa muito prevalente nas ciências sociais, tendo em vista mudanças sociais e processos compartilhados de maneira transnacional. A associação entre

conventional actors such as states and international organisations, and sheds new light on under-explored knowledge, linkages and understandings of world politics.

globalização e desterritorialização, porém, apresenta desafios consideráveis para a aplicação do método, especialmente considerando que etnografias estão, quase sempre, focadas em fenômenos microssociais, enquanto pesquisas em globalização e processos sociais ou políticos transnacionais tendem a ter caráter macro-social (Tsuda; Tapias; Escandell, 2014).

Para Appadurai (1996), uma pesquisa etnográfica sobre um objeto transnacional e desterritorializado precisa mobilizar ferramentas diferentes das etnografias tradicionais. Inclui-se aí a possibilidade de um trabalho de campo em múltiplos territórios, e a abertura para modelos de etnografia digital (Tsuda; Tapias; Escandell, 2014).

Marcus (2014), por outro lado, coloca que o "global" na etnografia transnacional não é de forma alguma um complemento ou substituto para a faceta local da análise, mas sim um espaço de trocas de experiências culturais. Destaca-se que estas trocas são marcadas por hierarquias e expressões de poder sócio-econômicas próprias, sendo estes objetos importantes para a etnografia multilocal (Marcus, 2014).

A interlocução com as etnografias digitais pode ser dar tanto em pesquisas feitas através de redes sociais, compreendendo fluxos de informação e de difusão de práticas socioculturais a partir da formação de grupos em redes (Coleman, 2010), como também ter uma faceta *offline*, através do acompanhamento dos atores digitais fora destes grupos de interação (Tsuda; Tapias. Escandell, 2014).

Em modelos metodológicos onde a pesquisa de campo é feita em múltiplas localidades, é possível compreender a relação entre contextos sociais múltiplos e um fenômeno estudado. Pesquisas deste tipo podem acontecer com focos em instituições transnacionais e suas ações em diversos territórios, comparando as afetações e relações com as políticas centralizadas, assim como com o interesse em fluxos de pessoas e a difusão de práticas e informações por canais desterritorializados (Tsuda; Tapias. Escandell, 2014).

É importante colocar, por outro lado, que realizar uma pesquisa etnográfica transnacional, com incidência em diferentes territórios exige financiamento e disponibilidade de uma equipe de pesquisadores robusta. Outro desafio é a coordenação das observações em cenários muito diversos (Tsuda; Tapias; Escandell, 2014).

3.3 Etnografia institucional

A etnografia institucional é um método de pesquisa desenvolvido por estudiosos da Sociologia para compreender processos sociais no interior de instituições, concentrando-se na análise das práticas, relacionamentos e estruturas que orientam seu funcionamento. Embora tenha surgido nesse campo, a etnografia institucional é amplamente aplicada em diversas áreas de estudo, entre elas a Educação, a Enfermagem e, sobretudo, a Ciência Política (Devault, 2006; Maanen, 2002).

De acordo com Maanen (2002, p. 103, tradução livre)[4], "as formas com que as pessoas em determinados contextos de trabalho compreendem, prestam contas, tomam decisões, e gerenciam suas situações do dia-a-dia de outras formas" são elementos fundamentais nas etnografias institucionais. É importante colocar que para que uma pesquisa sobre determinada instituição, especialmente considerando aquelas de Estado, se constitua como etnografia, é necessário que o olhar teórico questionador se mantenha. Nesse sentido, a etnografia institucional vai além da simples observação da aplicação de normas e procedimentos, pois se propõe a compreender e mapear os processos históricos que as constituem, bem como os conflitos que deles emergem. Realizar a etnografia de uma instituição é também apreender suas dinâmicas de tempo e poder (Teixeira; Lobo; Abreu, 2019), examinando como fatores sociais e políticos se articulam na manutenção de suas práticas.

O estudo da cultura e dos processos sociais presentes nas instituições aproxima a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia Política, favorecendo análises interdisciplinares mais profundas sobre relações de autoridade e influência. Assim, a etnografia institucional pode oferecer uma perspectiva diferenciada sobre os efeitos de poder nesses campos (Lima; Facina, 2019), evidenciando como decisões, regras e valores são negociados e reinterpretados em cada contexto específico.

A aplicação da etnografia de instituições políticas internacionais pode se apresentar como uma maneira de as compreender por seus aspectos culturais e de difusão de poder e conhecimento. Mosse (2005), propõe que esta é uma forma de se compreender as estruturas de governança global e os efeitos de poder territoriais desses instrumentos administrativos transnacionais.

3.4 Etnografia de documentos

Uma forma de estudar e pesquisar a cultura e a prática dos Estados é, também, o estudo dos documentos produzidos por essas entidades, pois eles refletem, de modo concreto, aspectos institucionais e processuais envolvidos na elaboração de registros formais. Neste sentido, ao observarmos a interpretação de autores da Antropologia e da Sociologia Política, podemos considerar que os próprios documentos constituem um campo de pesquisa etnográfica (Muzzopappa; Villalta, 2011). Dessa maneira, o ato de analisar tais registros como objetos empíricos possibilita entender o contexto em que foram criados, bem como as intenções, escolhas e critérios que orientaram sua produção.

[4] No original: "the ways in which people in particular work settings come to understand, account for, take action, and otherwise manage their day-to-day situation" (Maanen, 2002, p. 103).

Tomar os documentos como um campo de pesquisa e de observação empírica implica pensar e questionar o ato de documentar determinados acontecimentos, considerando a forma como são registrados e retratados. Um olhar etnográfico sobre documentos surge ao examiná-los em seu contexto e ao buscar a compreensão dos processos que os envolvem, estendendo a investigação ao funcionamento das instituições responsáveis por sua criação. Tais procedimentos podem ser associados à observação do processo de produção documental, compreendendo-o enquanto artefato cultural de determinada instituição social ou agrupamento (Lowenkron; Ferreira, 2014), que carrega traços de valores, crenças e modos de organização específicos.

Para transportar esta perspectiva no âmbito das Relações Internacionais, é importante pensar na produção de acordos internacionais, regulações e tratados como um processo social e cultural próprio deste contexto. Estes documentos se tornam, assim, artefatos de um determinado cenário sociocultural específico e localizado espacial e territorialmente. A etnografia dos documentos é uma ferramenta para entender grandes acordos para além de sua forma e conteúdo, mas também como um produto de seu meio, cujas dinâmicas estão, de certa forma, inscritas nele.

4 REFLEXÕES SOBRE ETNOGRAFIA EM ARENAS POLÍTICAS

Partindo do que foi mencionado até aqui, propomos nesta seção alguns apontamentos e considerações sobre possibilidades de aplicação da etnografia nos campos da Ciência Política e das Relações Internacionais. Em primeiro lugar, ao considerar uma aproximação entre a etnografia e as RI, é importante repensar algumas práticas existentes no campo das RI. Montison (2018) sugere que, para além do uso de abordagens metodológicas *bottom-up*, a limitação referente ao uso da etnografia nas RI também se dá em função de práticas acadêmicas do campo, como uma carência de treinamentos de gerações mais jovens, além de múltiplos desafios envolvendo trabalho de campo. Portanto, ressaltamos aqui a necessidade de se considerar o trabalho de campo como prática relevante para estudos envolvendo a política internacional.

Em razão da própria natureza do objeto estudado, teorias de RI têm se preocupado com a questão da escala (Rio, 2024). Sobre essa relação entre o local e o global, Rio (2024) argumenta que:

> Um tópico comum na literatura sobre métodos etnográficos, particularmente fora da antropologia, são os desafios metodológicos que surgem ao tentar estudar processos que não podem ser localizados com precisão. As teorias de RI sempre se preocuparam com questões de escala, pois os objetos tradicionais de análise, Estados e o sistema internacional, são fundamentalmente e sempre abstrações e

> vão além dos locais. Isso cria uma tensão teórica entre o nível da unidade e o nível do sistema; o particular e o geral; entre o local e o global, especialmente relevante no que diz respeito à relação entre etnografia e RI. O problema que estou tentando abordar é como conceituar o "internacional" metodologicamente, ou mais especificamente, etnograficamente. Argumento que, ao escolher abandonar o imaginário de totalidades como a "localidade" ou o "nível global", a etnografia pode permitir entendimentos importantes das relações sociais que existem nessas escalas. Isso se baseia na noção de que as sensibilidades às práticas locais podem, de fato, também informar teorias de escalas maiores de interconexões e padrões (Rio, 2024, p. 394, tradução livre)[5].

Nesse sentido, como sugerido por Rio (2024), um dos desafios ao uso da etnografia em análises de relações internacionais poderia ser conceituar metodologicamente o internacional, que, segundo a autora, "está presente e ausente em mundos locais e situados" (Rio, 2024, p. 303, tradução livre)[6]. Levando em conta essa preocupação com a questão da escala existente na disciplina, propomos aqui algumas formas de se aplicar a etnografia a análises de RI.

A difusão do método etnográfico no campo das Relações Internacionais e da Ciência Política pode encontrar desafios relacionados ao próprio recorte da área. O trabalho de observar e questionar instituições políticas tomadoras de decisão, elites transnacionais ou de observar movimentos a partir de uma perspectiva transnacional pode exigir recursos acessos complexos para o investigador. Contudo, é válido colocar que as contribuições do método para a área podem ser significativas.

O caráter participante do método pode ser uma grande ferramenta para abrir a caixa-preta das instituições políticas de Estado, permitindo entender a construção dos atores que as formam e como são modeladas suas condutas. Há um potencial inerente da etnografia no que diz respeito à diversidade de representações de mundos, transmitindo para a análise elementos para além do normativo. A esse respeito, Montison (2018) argumenta:

> Glick Schiller (2003:298) preocupa-se com "análises que equiparam a sociedade ao Estado", visto que tendem a sacrificar alguns dos insights indutivos do trabalho de campo na descrição e representação do mundo. Este ponto é relevante para a pesquisa em RI crítica que se envolve com o método etnográfico, que tende a

[5] A common topic in the literature on ethnographic methods, particularly outside anthropology, are the methodological challenges that arise when attempting to study processes that cannot be precisely located. IR theories have always been concerned with matters of scale, as the traditional objects of analysis, states and the international system, are fundamentally and always abstractions and going beyond local sites. This makes a theoretical tension between the unit level and the system-level; the particular and the general; between the local and the global, especially relevant with regards to the relationship between ethnography and IR. The problem that I am attempting to approach is how to conceptualise the 'international' methodologically, or more specifically, ethnographically. I argue that by choosing to abandon the imaginary of totalities such as the 'locality' or the 'global level', ethnography can enable important understandings of social relations that exist across these scales. This is based on the notion that sensibilities to local practices can in fact also inform theories of larger scales of interconnections and patterns.

[6] Is both present in and absent from local, situated lived-in worlds.

> navegar entre a necessidade de categorias ontológicas dedutivas, como o Estado, e a exposição de conhecimentos subjugados com base em como diferentes coletivos e indivíduos vivenciam o internacional em seus próprios termos. As tentativas dos estudiosos de RI crítica de levar suas investigações para além dos preceitos metodológicos estatocêntricos e territorializados são enfrentadas por um campo que é disciplinar e estruturalmente desenvolvido com base em uma abstração da soberania estatal; a representação distintiva da anarquia entre Estados e as preferências metodológicas por abordagens quantitativas e dedutivas (Montison, 2018, p.8. tradução livre).

Partindo dos argumentos de Schiller (2003) e Montison (2018), propomos aqui o seguinte questionamento: de que forma o método etnográfico poderia contribuir para estudos de sociedades ao nível internacional? Levando em conta a ideia de se expor "conhecimentos subjugados" (Montison, 2018), pode-se argumentar que o método etnográfico pode contribuir para análises de conhecimentos que vão além do *mainstream*. Ademais, considerando que a etnografia possui o potencial de permitir que grupos falem em seus próprios termos, expressando, assim, suas próprias perspectivas acerca dos processos transnacionais e do jogo político internacional, como apontado por Montison (2018).

Aplicar o método etnográfico em pesquisas nas Relações Internacionais, incluindo o **estar lá**, nos permite desnaturalizar grandes processos políticos transnacionais e entender as interações e trocas que os constituem. A partir deste movimento, é possível uma investigação que toque nos processos de cristalização das relações de poder que compõem o jogo político.

O acesso a este campo, que se apresenta como desafio, pode ser repensado através da utilização de modelos de etnografia de documentos ou modelos de etnografia digital. É válido questionar, porém, quais elementos caracterizam um bom trabalho de observação. Neste sentido, Peirano (2014) coloca três condições: a boa comunicação do contexto e da situação social observada; a capacidade de transformar a experiência do pesquisador em campo no texto que compõe a pesquisa; a compreensão da ação social e dos elementos de cultura de maneira analítica (Peirano, 2014, p. 386).

Ademais, é importante considerar também os argumentos citados a respeito dos grandes debates, e a importância de se abordar questões metodológicas para os mesmos. Como previamente mencionado, Rio (2024) argumenta sobre a possibilidade de se transcender categorias convencionais das RI, tais como as noções de "local" e "global". Levando em conta que o uso da etnografia também levanta questões envolvendo pressupostos teóricos estatocêntricos, pode-se argumentar também que, para além do aspecto metodológico, a aplicação do método etnográfico também pode contribuir para discussões epistemológicas e ontológicas no campo das RI. Nesse sentido, concordamos com Samra (2021) no que concerne à inclusão de métodos e metodologias nos contextos dos "grandes debates" como forma de se contar a própria história da disciplina.

5 CONCLUSÃO

Observa-se que a etnografia apresenta diversos desafios, mas oferece também múltiplas contribuições para os estudos de Relações Internacionais, em termos metodológicos/epistemológicos, ontológicos e teóricos. É importante mencionar que a abertura às metodologias etnográficas em Relações Internacionais implica não apenas ampliar perspectivas de análise, mas também desafiar o *status quo* acadêmico que tradicionalmente privilegia abordagens macro, quantitativas e estatocêntricas. A adoção de um olhar etnográfico reforça o valor da observação, da escuta e da capacidade de interpretar contextos plurais e dinâmicos, sejam eles locais ou transnacionais. Com isso, cria-se espaço para que sujeitos historicamente invisibilizados na disciplina possam trazer seus próprios significados e vivências, nutrindo debates que ultrapassam fronteiras teóricas e metodológicas, e contribuindo para uma compreensão mais diversa, rica e aprofundada do internacional.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Modernity at Large:** Cultural Dimensions of Globalization. Chicago: University of Minnesota Press, 248 p., 1996.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, p. 11–27, 2007.

BRODKIN, E.Z. The Ethnographic Turn in Political Science: Reflections on the State of the Art. **Political Science & Politics**, Cambridge, vol.50, n.1, p.131–134, 2017.

DEEGAN, M.J. The Chicago School of Ethnography. *In*: ATKINSON, P.; COFFEY, A; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. **Handbook of Ethnography**. Londres: Sage; p. 11-25, 2001.

DEVAULT, M.L. Introduction: What is Institutional Ethnography. **Social Problems**, Oxford, vol.53, n.3, p.294-298, 2006.

DEWALT, K. M.; DEWALT, B. R. **Participant Observation:** a guide for fieldworkers. Lanham: AltaMira Press, 2011.

EVANS-PRITCHARD, E. Antropologia social: passado e presente. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.30, n.2, p.118-124, 2021.

FERGUSON, J. **The Anti-Politics Machine:** "Development", Depoliticization, and Bureaucratic Power in Lesotho. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUPTA, A. **Red Tape:** Bureaucracy, Structural Violence, and Poverty in India. Durham: Duke University Press, 2012.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography**: principles in practice. Abingdon: Routledge, 2007.

LAKE, D. A. Theory is dead, long live theory: The end of the Great Debates and the rise of eclecticism in International Relations. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 567–587, set. 2013.

LIE, J. H. S. Challenging Anthropology: Anthropological Reflections on the Ethnographic Turn in International Relations. **Millennium**: Journal of International Studies, v. 41, n. 2, p. 201–220, 12 nov. 2013.

LIMA, A.C.S.; FACINA, A.; 2019, Brasil: por que (ainda) estudar elites, instituições e processos de formação de Estado?. *In*: TEIXEIRA, C.C. (org); LOBO, A. (org); ABREU, L.E (org). **Etnografias das instituições, práticas de poder e dinâmicas estatais.** Brasília: ABA Publicações, p.433-485, 2019.

LOWENKRON, L; FERREIRA, L. Anthropological perspectives on documents: ethnographic dialogues on the trail of police papers. **Vibrant,** Brasília, vol.11, n.2, p.76-112, 2014.

MARCUS, G.E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etngrafía multilocal. **Alteridades**, Cidade do México, vol.22, n.1, p.111-127, 2014.

MAANEN, J. V. The Fact of Fiction in Organizational Ethnography. Em: HUBERMAN, A.M. (ed); MILES, M.B. (ed);. **The Qualitative Researcher's Companion**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002. p. 101–122.

MONTISON, J. M. Ethnography and international relations: situating recent trends, debates and limitations from an interdisciplinary perspective. **The Journal of Chinese Sociology**, v. 5, n. 1, 19 jul. 2018.

MUZZOPAPPA, E.; VILLALTA, C. Los documentos como campo: reflexiones teórico metodológicas sobre un enfoque etnográfico de archivos y documentos estatales. **Revista Colombiana de Antropología**, vol.47, n.1, p. 13-42, 2011.

MOSSE, D. Global Governance and the Ethnography of International Aid. *In*: MOSSE, D.(org); LEWIS, D. (org). **The Aid Effect:** Giving and governing in International Development. Londres: Pluto Press, p. 1-36, 2005.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v.39, n.9, p. 13-37, 1996.

PEIRANO, M. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

POLLNER, M; EMERSON, R.M. Ethnomethodology and Ethnography *In*: ATKINSON, P.; COFFEY, A; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. **Handbook of Ethnography**. Londres: Sage; p. 118-135, 2001.

RIO, A. E. Revisiting the Case of Ethnography and International Relations. **Millennium**: Journal of International Studies, v. 52, n. 2, p. 279–303, 10 jan. 2024.

ROCK, P. Symbolic Interactionism and Ethnography. *In*: ATKINSON, P.; COFFEY, A; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. **Handbook of Ethnography**. Londres: Sage; p. 26-38, 2001.

SAMRA, Amira Abou. The debates of methodology and methods: reflections on the development of the study of international relations. **Review of Economics and Political Science**, **Emerald Group Publishing Limited**, v. 9(6), p. 554-571, 2021.

SHARMA, A.; GUPTA, A. Part II: Ethnographic Mappings. *In*: SHARMA, A. (org); GUPTA, A (org). **The anthropology of the state:** a reader. Oxford: Blackwell Publishing; p.163-165, 2006.

SOARES, L.E. e Antropologia e Ciência Política: memória, etnografia e definição do ator social. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, vol.19, n.1, p. 21-30, 1995.

TEIXEIRA, C.C.; LOBO, A.; ABREU, L.E. Nada precisa ser como é: Etnografias das instituições, práticas de poder e dinâmicas estatais. *In*: TEIXEIRA, C.C. (org); LOBO, A. (org); ABREU, L.E (org). **Etnografias das instituições, práticas de poder e dinâmicas estatais.** Brasília: ABA Publicações, p. 7-24, 2019.

TSUDA, T; TAPIAS, M; ESCANDELL, X. Locating the Global in Transnational Ethnography. **Journal of Contemporary Ethnography**, Thousand Oaks, vol. 43, n.2, p. 123-147, 2014.

VRASTI, W. The Strange Case of Ethnography and International Relations. **Millennium**: Journal of International Studies, v. 37, n. 2, p. 279–301, dez. 2008.

WÆVER, Ole. The Speech Act of Realism: The Move That Made IR. *In*: GUILHOT, N. **The invention of international relations theory**: realism, the Rockefeller foundation, and the 1954 conference on theory. New York: Columbia University Press, Cop, 2011, p. 97-127.